

-Brasil

Capital de curto prazo na mira do BC

Governo estuda adotar restrições para entrada de dinheiro volátil com aumento do IOF

Sheila D'Amorim

BRASÍLIA

OBanco Central pretende adotar medidas para restringir a entrada de capitais de curto prazo no país. Mas isso, segundo o diretor de Política Monetária do BC, Francisco Lopes, só ocorrerá quando a situação externa se recuperar e o fluxo de dólares para o país estiver normalizado. A idéia, de acordo com o diretor, é estabelecer restrições mais fortes por meio do aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) que os investidores pagam ao ingressar no país. Com isso, a alíquota atualmente fixada em 2% será aumentada.

Segundo Lopes, uma das lições que o Governo aprendeu com sucessivas crises foi que esse capital de curto prazo é dinheiro ruim que só vem ao país para se beneficiar das altas taxas de juros e foge ao menor sinal de turbulência. O diretor do BC descarta medidas para restringir a saída desse capital e diz estar convencido de que a seleção do capital na entrada é mais importante.

Entrada de recursos após crise da Ásia criou ilusão de reservas altas

Lopes lembra que, logo após a crise da Ásia, quando o BC flexibilizou os prazos mínimos para permanência de recursos externos no país, o Brasil recebeu cerca de US\$ 20 bilhões, o que criou a ilusão, segundo o diretor, de que o Governo dispunha de volume elevado de reservas. Entretanto, analisa, isso era apenas dinheiro para arbitragem.

— Na verdade, nunca tivemos US\$ 70 bilhões de reservas. Concretamente, as reservas eram de US\$ 50 bilhões — disse Lopes, pela assessoria de imprensa.

O momento, entretanto, não é para restringir a entrada de nenhum tipo de capital já que o país quer recompor o seu nível de reservas como uma forma de se proteger das turbulências externas. Mas assim que o cenário internacional retomar o ritmo normal, avisa Lopes, a preocupação maior do BC será de tornar as reservas mais estáveis.

As linhas básicas do programa de ajuste que permitirá ao país se recupe-

rar dos efeitos da crise internacional serão discutidas pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, com dirigentes de organismos internacionais a partir de hoje, em Washington. Malan embarcou ontem à noite para os Estados Unidos para participar da Assembléia Anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. O programa de ajuste, segundo uma fonte da equipe econômica, vai abranger um período de três anos, mas o maior impacto das medidas será sentido já em 1999, para que se obtenha uma reversão rápida da tendência de crescimento do déficit público.

O porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral, disse que o Governo vai fazer um ajuste rigoroso em suas contas em 1999, mas voltou a negar qualquer aumento de imposto, inclusive da Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras (CPMF).

— Tudo que diz respeito à CPMF e a aumento de imposto, no momento, é pura especulação.

Efeito no mercado de contratos futuros de dólar foi imediato

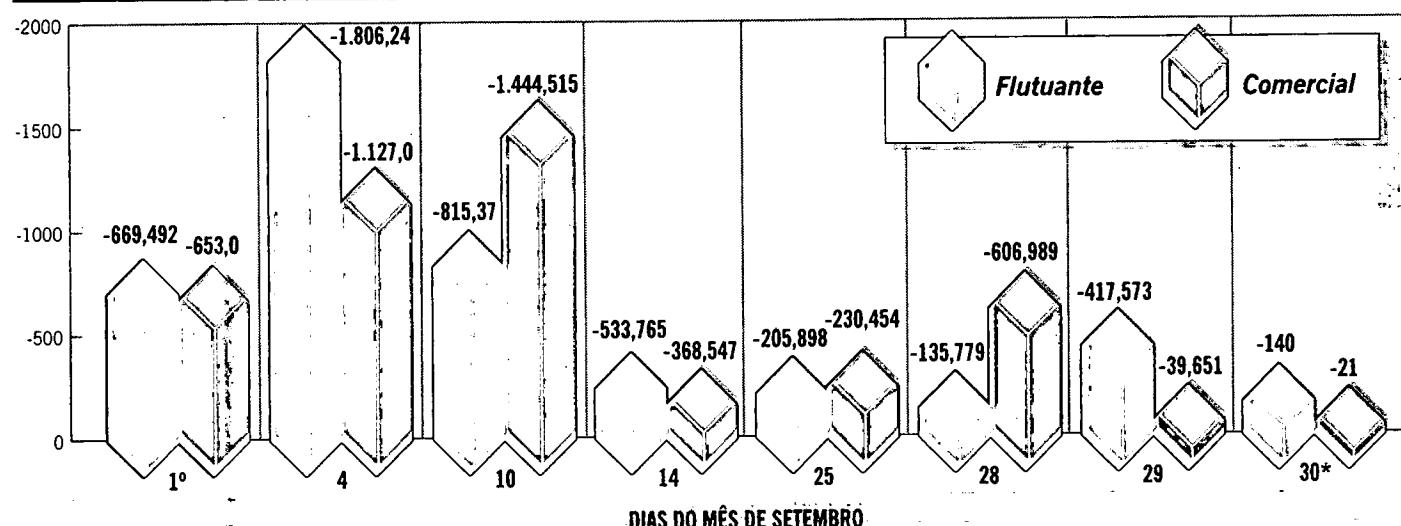
As declarações do diretor do BC tiveram impacto no mercado futuro de dólares, na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F). A cotação da moeda americana nos contratos com vencimento em novembro — que apontam a expectativa de desvalorização em outubro — cedeu imediatamente, com a expectativa de que, para fugir do aumento do IOF, os brasileiros tragam de volta o dinheiro que tiraram do país recentemente.

Pouco antes de Chico Lopes admitir o aumento do imposto sobre entradas de capital, o dólar futuro projetava correção cambial de 1,01% para este mês. No 20 minutos finais do pregão da BM&F, as projeções despencaram para 0,74%. Os negócios na BM&F triplicaram.

Os futuros de juros seguiram a tendência. As projeções dos contratos de DIIs (taxas do interbancário) com vencimento em novembro passaram de 37,58% ao ano para 35,87%.

• GOVERNO QUER ANTECIPAR A ENTRADA DE US\$ 18 BILHÕES PARA REFORÇAR RESERVAS, na página 22

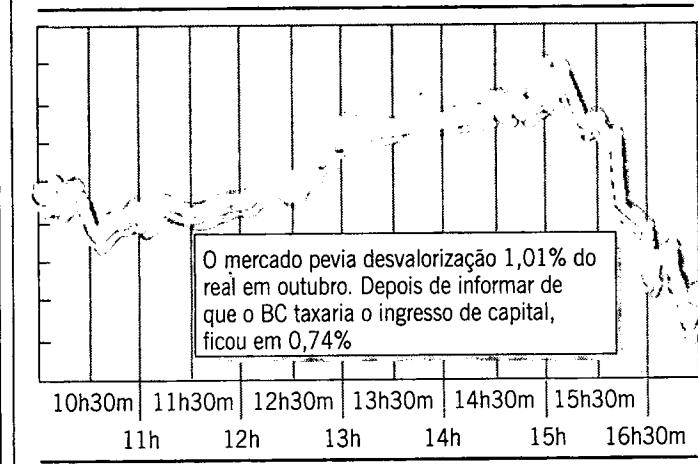
A POSSIBILIDADE DE TAXAÇÃO NA ENTRADA DE CAPITAIS REDUZIU A EXPECTATIVA DE DESVALORIZAÇÃO DO REAL PARA OUTUBRO



*Estimativa; Obs: o gráfico acima esta com a escala invertida

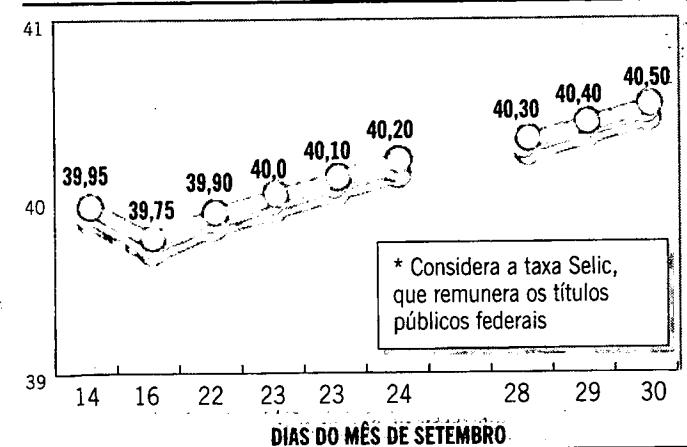
FONTE: Sisbacen e Inercado

DÓLAR FUTURO



O mercado previa desvalorização 1,01% do real em outubro. Depois de informar de que o BC taxaria o ingresso de capital, ficou em 0,74%

AUMENTO GRADUAL DOS JUROS*



* Considera a taxa Selic, que remunera os títulos públicos federais

FONTE: Mercado